

A PERSISTÊNCIA DA UNIDADE FAMILIAR DE PRODUÇÃO A SERICICULTURA EM CHARQUEADA 1

Marlene Aparecida de Oliveira 2
Lúcia Helena de O. Gerardi 3

INTRODUÇÃO

“O estudo da agricultura e de fundamental importância para a humanidade, que procura racionalizar os meios de produção e aumentar a quantidade de produtos necessários à sua subsistência e ao comércio. Nesse ponto, o espaço adquire papel de destaque uma vez que se considere a dimensão espacial como variável relevante para o desenvolvimento” (Diniz, 1984: 15).

A agricultura não é homogênea, ela parece disposta espacialmente ou organizada sobre a superfície terrestre de formas diferenciadas. Enquanto algumas áreas encontraram-se em estágios avançados de desenvolvimento agrícola, outras ainda se mantêm tradicionais, tendo a terra o fator de produção primordial.

Levando-se em consideração a diversidade de organização do espaço estabelece a atividade agrícola, e tendo por cenário o município de Charqueada, o presente trabalho procurou desvendar as transformações ocorridas no espaço rural charqueadense a partir da atividade sericícola e os agentes responsáveis por elas.

A agricultura é a atividade econômica principal do município, tendo como cultivo dominante a cana-de-açúcar, atividade altamente capitalizada, cujas características principais são a grande extensão de terras ocupadas, a utilização da mão-de-obra assalariada temporária e o alto nível de tecnificação e investimento.

No entanto, já em 1927, Charqueada era o principal produtor de casulos de bicho-da-seda do Estado de São Paulo. Trata-se de uma atividade tipicamente artesanal, a meio caminho entre a agricultura (cultivo da amoreira) e a pecuária (criação do bicho-da-seda), realizada em pequenas unidades de produção familiar, nas quais proprietários e parceiros, sem capital para investir na atividade canavieira, procuram reproduzir-se enquanto produtores familiares ou camponeses a través da alternativa sericultura e da utilização da força de trabalho familiar.

Esta duplicidade de atividades vem caracterizando o município de Charqueada mais fortemente a partir da década de 60. Durante este período o município sofreu mudanças em sua organização agrária.

A cana-de-açúcar e a sericultura organizaram o espaço em momentos e condições distintas, sem nunca deixarem de existir, alternando-se de forma a que, de acordo com as condições de rentabilidade uma e outra tornava-se a atividade dominante.

Dessa forma, embora o espaço agrário charqueadense coloque-se na atualidade como uma das áreas mais capitalizadas do país, incorporada ao chamado Quadrilátero Açucareiro do Estado de São Paulo, mantém uma atividade agrícola diferenciada, tendo, de um lado, uma atividade tipicamente capitalista e, de outro, a persistência de unidades camponesas de produção.

Nesse sentido, procurou-se averiguar o potencial de organização do espaço das duas atividades em questão, procurando enfatizar o papel da atividade sericultura.

Como a tendência geral do capitalismo, desde seu surgimento, tem sido a de penetrar em todos os setores da economia, no campo o capital tem penetrado e provocado mudanças nas formas tradicionais de utilização de terra e nas relações de trabalho o que levou estudiosos a prever o desaparecimento das formas pré-capitalistas ou não-capitalistas de produção, a medida que o capitalismo se desenvolvesse.

No entanto, mesmo tendo alcançado alto nível de desenvolvimento, o capital não conseguiu destruir essas formas tradicionais e expressa-se espacialmente sob formas distintas sem, necessariamente, eliminar aquelas já existentes, como é o caso da sericultura em Charqueada.

São estas formas diferenciadas que permitem a existência de duas atividades num mesmo espaço sem, contudo, haver conflito entre ambas.

Em termos de ocupação da terra sericultura a atividade canavieira competem sob a direção da rentabilidade e da capacidade canavieira atingiu níveis de rentabilidade mais baixos, a sericultura foi estimulada e área plantada com amoreira foi ampliada. Ao contrário, no momento em que a sericultura diminuiu os retornos, teve sua área reduzida.

Assim como acontece com a terra no município, sericultura e cana também não entram em conflito quanto a demanda de mão-de-obra. As duas atividades utilizam tipos distintos e são sazonalmente complementares. Enquanto a sericultura utiliza mão-de-obra familiar, a atividade canavieira a caracteriza-se pelo assalariado temporário.

O que ocorre em muitas sericultoras é a complementaridade da renda familiar a través do assalariamento no corte de cana que corresponde ao período de entre safra da atividade sericícola, além do que, muitos jovens que não tem ocupação na propriedade da família assalariam-se integralmente, trabalhando como tratoristas ou motoristas para a usina da açúcar.

Por essas breves colocações, fica claro que o capital tem sido o agente organizador do espaço agrário charqueadense embora contraditoriamente de oportunidade de permanência de relações de produção capitalista. Estudar o que determina esta permanência foi o objetivo principal deste trabalho.

Como a pequena produção ou produção camponesa tem sido objeto de estudo de várias ciências há longo tempo, o que presente trabalho se justifica por ser uma contribuição da Geografia à esta análise.

Este estudo deu oportunidade para que se avaliasse a importância da mão-de-obra feminina e infantil na agricultura, preocupação que se justifica se que se consideramos que cada vez mais mulheres e crianças são inseridas no processo de produção de mercadorias. Na agricultura e, principalmente, nas unidades camponesas esse tipo de mão-de-obra tem papel fundamental e seu estudo torna-se sempre pertinente.

O marco teórico adotado como referência foi o da linha da escola da organização da produção expresso nos trabalhos de Chayanov (1974, 1981) e os da linha camponista expresso por Tepicht (1973), Shain (1971), Chonchol (1986), Mendras (1978).

O DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA PAULISTA E A SERICICULTURA EM CHARQUEADA

É indiscutível o papel hegemônico representado pelos cultivos de exportação na agricultura brasileira. Desde a colonização, de natureza mercantil, o mercado externo, foi o grande condutor da economia nacional. A agricultura se desenvolvia à medida que a demanda desse mercado possibilitasse.

Tornou-se peculiar a existência de um cultivo predominante para o qual se dirigiam todos os investimentos de capitais. Desse processo botina-se como resultado a acumulação de capital por parte dos grandes latifundiários na colônia e uma acumulação ainda mais representativa por parte da coroa, posteriormente desviada para os mercadores que monopolizavam o comércio dos produtos coloniais.

Sendo a economia nacional organizada temporal e espacialmente a través de hegemonia do mercado externo, ela também estava sujeita às oscilações desse mercado e assim, as crises sem dúvida eram contundentes. Estes momentos por muitos considerados catastróficos, provocavam mudanças profundas.

Dessa forma, pode-se dizer que a agricultura brasileira sempre esteve subordinada ao capital mercantil que organizava a terra e o trabalho.

Essa organização se dava a través da distribuição espacial e temporal do capital em consonância com o mercado externo, havendo então concentração de capital em determinado cultivo que, assim, ocupava a terra disponível e absorvia toda mão-de-obra para realização do trabalho agrícola. Ou seja: a concentração do espaço, tanto do ponto de vista da apropriação como do ponto de vista do uso.

O cultivo da cana-de-açúcar, no Brasil, manteve-se de cana-de-açúcar, no Brasil. Manteve-se como atividade principal até a primeira metade do século XIX, sendo substituído posteriormente pelo café.

Seguindo as transformações ocorridas no mundo a partir da Revolução Industrial, manter em pleno século XIX características de colônia não era satisfatório à nenhum país. Dessa formas, a cultura do café implantada no Estado de São Paulo fez reduzir o latifúndio e diminuir a inversões de capitais.

A cultura do café provocou um aumento no número de pequenas propriedades e assim possibilitou uma diversificação maior nos produtos cultivados e determinadas áreas deixam de ser exclusivamente cafeeiras.

Esse processo de substituição da cultura cafeeira por outros cultivos ampliou-se no Estado de São Paulo. A crise de 1920 possuiu um efeito “democratizante” que acabou com poder político e econômico dos cafeicultores e principalmente por provocou um processo de fragmentação dos latifúndios. A cultura algodoeira e a indústria têxtil, a pesar de também ter sofrido queda na bolsa em 1929, manteve-se resistente, e viu surgir neste cenário a sericicultura, atividade que consiste no cultivo da amoreira que serve para a alimentação do bicho-da-seda (*Bómbyx mori*), produtor de casulos, matéria-prima para fiações e tecelagens de fios naturais.

A sericicultura no Brasil, começou a ser conhecida após o incentivo dado pelo Imperador D. Pedro II à imperial Companhia Seropédica Fluminense, por volta de 1840. Posteriormente, várias leis foram criadas, constituindo-se de incentivos à esta atividade entre os quais estavam prêmios por produção dados a sericultores e à fábricas que se empenhassem na tecelagem de fios de seda.

Neste momento, é inegável a participação do Estado como um agente direcionador desta política. Se considerarmos que o país recuperava-se de uma crise a qual, provocou uma fragmentação parcial dos latifúndios e uma busca de cultivos mais rentáveis, por parte dos produtores, a sericicultura era uma alternativa atraente.

Apoiada e subvencionada pelo governo do Estado de São Paulo, a sericicultura desenvolveu-se rapidamente. As leis estaduais autorizavam a propaganda da atividade, assim como a criação de estabelecimentos a serviços que resultaram no referido desenvolvimento.

Muitos municípios, criaram leis municipais que atendessem aos objetivos gerais da legislação federal e estadual.

Por volta de 1928, a comarca de Piracicaba a qual pertencia Charqueada, promulgou lei que concedia a S.A. Indústrias de Seda Nacional (responsável pelo desenvolvimento da sericicultura em São Paulo) favores como isenção de impostos e principalmente a concessão de terrenos para que a referida indústria instalasse uma estação sérica com plantação de amoreiras e criação

de bicho da seda, distribuindo assim, gratuitamente, sementes do sirgo e mudas de amoreira a quem se interesase.

A data de 1927, é a primeira referência que se encontra sobre a sericicultura em Charqueada, como a maior produtora de casulos do Estado.

Desde esta data até a atualidade a atividade sericícola em Charqueada desenvolveu-se em duas fases distintas sendo que cada uma destas fases se estabeleceu a través de momentos específicos compreendidos entre a instalação da atividade, seu desenvolvimento e apogeo e um momento que queda ou crise.

O desenvolvimento de cada uma destas fases deu-se de formas diferentes. A primeira delas, que se inicia na década de 20, constituiu-se em um empreendimento de particulares no qual a comunidade, ou seja, os agricultores de Charqueada se uniram e deram início a atividade.

O advento da Segunda Guerra Mundial fez crescer a procura do fio de seda brasileiro e as taxas de crescimento incentivaram os produtores de Charqueada a criar uma cooperativa, que se extinguiu quando do final de guerra e derrocada da atividade em todo Estado de São Paulo.

A segunda fase, surge a partir de um empresário de outro município que incentiva a apóia a atividade possibilitando que, mais tarde, por não conseguir manter seu empreendimento, penetrasse no município o capital externo representado por uma empresa japonesa.

ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

A atividade sericícola em Charqueada, tem como característica principal a exploração intensa da terra e do trabalho. Em geral, as propriedades sericícolas não ultrapassam os cinquenta hectares de área, tendo como atividade predominante a sericicultura e cultivos complementares como a produção de alimentos e cana-de-açúcar.

Do total das 13 propriedades sericícolas encontradas no município, 10 são exploradas diretamente pelo proprietário e família (523.88%); 23.07% corresponde a exploração de proprietários e arrendatários.

A produção de casulos tem três características. A primeira delas, diz respeito à sua finalidade, ou seja, produzir casulos significa produzir uma mercadoria. Significa estar vinculado ao mercado, a través da agroindústria têxtil. Em segundo lugar, produzir casulos implica em muito trabalho. Trata-se de uma atividade que exige dedicação –havendo amoreira disponível, o sericultor trabalha durante um semestre ininterrupto. E finalmente, por ser uma atividade que se limita espacialmente, já que amoreira e sirgaria devem estar próximas, as pequenas propriedades são as mais indicadas e o trabalho familiar o mais comum.

Para a produção do casulo do bicho-da-seda são necessários: área de no mínimo um hectare cultivada com amoreira (semente ou estaca); rancho de criação (sirgaria) com capacidade de criação variável segundo a quantidade de amoreira disponível; esteiras ou camas para a criação das larvas, construídas no interior das sirgarias; depósito de folhas junto à sirgaria.

Os ingressos resultantes do trabalho sericícolas que vão possibilitar a reprodução das famílias camponesas em Charqueada, derivam totalmente da exploração do trabalho da família é utilizada constantemente. As mulheres, filhos adultos e crianças “ajudando” ou assumindo sozinhos todo o processo produtivo, exprimem o caráter familiar da produção sericícola.

Como uma atividade que, apesar do trabalho contínuo em determinados momentos, não exige grande esforço físico. A sericicultura permite a transformação de “bocas em braços” ou seja, enquanto atividades como a canavieira ou a pecuária se restringem ao uso da mão-de-obra dos adultos, esta permite que crianças com até seis anos trabalhem, transformando-se de consumidores em trabalhadores. Isto sem dúvida, permite uma possibilidade de trabalho e, por tanto, menor fadiga.

A família, em Charqueada, é a única fonte de trabalho para o sericultor. Crianças, mulheres e algumas pessoas idosas trabalham incessantemente, sujeitando-se à auto-exploração para que a atividade sericícola, que é a principal fonte de renda, assim o continue. O salário, não existe. Todos trabalham para manter o patrimônio da família que é a propriedade da terra. Nesse sentido, fica caracterizado um forte coletivismo interno, no qual necessidades ou decisões da família têm precedência ao querer individual, a ponto de fazer com que o filho trabalhe para o pai sem exigir remuneração, mesmo quando abandona um emprego na zona urbana e retorna à propriedade para auxiliar a família.

Tornam-se assim importantes as atividades complementares realizadas pelos sericultores que possibilitarão ingressos nos períodos em que se espera pelo crescimento da amoreira durante a safra. Observa-se ainda, que restringindo-se a safra sericícola a sete meses no ano, ficam os meses restantes disponíveis também para a realização de outras atividades, no campo ou cidade como a assalariamento na cana-de-açúcar, a venda de perfumes, costura, trabalhos em construções etc.

O material consumido na produção de casulos é pago da seguinte forma: o adubo e o jornal são pagos diretamente no momento da compra efetuada pelo sericultor, sendo os outros produtos fornecidos pela fiação (larva, formol e cal), pagos no momento da entrega dos casulos.

Este fornecimento de larvas e insumos antecipados vai possibilitar ao produtor a reprodução do processo produtivo, ficando estabelecida uma relação de indevidamente com a fiação a ser salda posteriormente.

O vínculo à fiação de seda é expressão pelo compromisso do produtor em entregar os casulos a mesma fiação que lhes forneceu as larvas para criação. Esta indústria determina a qualidades dos casulos de primeira, segunda e duplos. O preço do casulo de primeira é variable segundo seu teor de seda que é estabelecido pela indústria quando da entrega dos casulos em um posto de compra no município.

A subordinação a que se submete o produtor familiar em qualquer que seja a atividade agrícola deve-se em primeiro lugar, ao fato dos produtores ou associação as que pertencem (cooperativas) não dominarem a tecnologia de obtenção dos insumos para produção. No caso da sericicultura, diz respeito a obtenção dos sirgos. Se o produtor obtivesse este insumo mais livremente no mercado, por exemplo quando da existência do Instituto de Sementagem que vendia os ovos a quem se interessasse, ale teria autonomia para escolher á quem vender o produto final.

Por outro lado, as indústrias concentradas, formam cartéis o que perjudica a livre concorrência e principalmente a estipulação dos preços para os produtos, ditados segundo seus interesses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação do mercado na vida camponesa estabeleceu mudanças no processo produtivo. Desde o surgimento do mercado, o camponês ou produtor familiar deixou de ser auto-suficiente e passou a sofrer interferências do meio externo à família. Sua produção voltou-se para o mercado e as capitalista de produção.

Quando do surgimento da sericicultura em São Paulo e seu desenvolvimento em Charqueada, o produtor de casulos possuía maior autonomia no processo produtivo. A medida que as decisões de produção passara, a ser tomadas externamente á comunidade produtora, a produção sofreu algumas alterações e laços de parentesco e amizade forma substituída por relações puramente comerciais entre produtores e empresários.

Contudo estas alterações ao provocaram o desaparecimento dos produtores familiares sericícolas. Isto deveu-se, sem dúvida, ao fato da economia camponesa caracterizar-se como “um modo de produção dominado”. Neste sentido, ala interioriza e recicla as regras do sistema dominante sem deixar de ter o caráter familiar, assinalado por Chayanov, como sua característica primordial.

A família, na realização da atividade sericícola, dada a natureza e calendário desta atividade, pode se colocar como mão-de-obra disponível e busca, em atividades fora da propriedade, a complementação da renda familiar e assim a satisfação de suas necessidades.

A dominação do modo capitalista de produção a través do vínculo produtor agroindústria, consegue realizar-se plenamente graças à incapacidade técnico-

financiera do produtor familiar no controle total da produção. Controlar o fornecimento da matéria-prima e a compra da produção final a través da condição de monopólio, coloca a indústria em uma posição de dominação, sem concorrência como compradora e sem a interferência estatal no fornecimento dos siglos, o que talvez pudesse colocar o produtor em uma situação de maior liberdade.

Enquanto responsável pela organização da atividade, o Estado viabilizou o processo, oferecendo assistência técnica e fornecendo matéria-prima (ovos ou larvas) sem exigir qualquer vínculo na comercialização dos casulos. No em tanto, a fase seguinte, seu papel resumiu-se ao estabelecimento de preços mínimos, ficando a produção de matéria-prima e controle de qualidade à disposição das indústrias sem qualquer fiscalização.

A pesar de não estar vinculado ao mercado externo de maneira direta, em momentos distintos, o produtor sericícola expandiu e declinou economicamente ao sabor deste mercado.

Assim, o comportamento do mercado externo é o determinante da ampliação ou estagnação da produção sericícola e mais uma vez o produtor familiar sericícola poderá sofrer esta oscilação. Novas perspectivas de expansão da atividade sericícola estão ressurgindo, derivadas de uma queda na produção de países como Japão, China e Índia, os maiores importadores brasileiros.

Esta procura do fio brasileiro começa a ser sentida nas ações das fiações que tem estabelecido reajustes semanais no preço dos casulos verdes, além de oferecerem, agora, preços superiores ao estabelecido como mínimo pelos órgãos estaduais. Em 20/09/88, o quilo casulo verde estava sendo comprado pelas fiações ao preço de Cz\$ 804.00, sendo que, na semana seguinte pagou-se Cz\$ 915.00 atingido em Novembro a casa dos Cz\$ 1 300.00 contra um preço mínimo de Cz\$ 693.67 estabelecido em Setembro, no início da safra.

Observa-se que, como a demanda pelo fio nacional tem carecido. As indústrias incentivadas por isso tem transferido este estímulo aos produtores oferecendo melhores preços, reajustados semanalmente segundo a Taxa Cambial (70%) e a OTN fiscal (30%) o que, sem dúvida, poderá provocar entre os produtores uma corrida pela atividade e, quem sabe até, uma nova fase de desenvolvimento da sericultura em Charqueada.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, Lauro "A Realidade da Sericultura Brasileira" O Campo. 14 (10): 50-52. Rio de Janeiro, Out. 1933.

CHAYANOV, Alexander V. *La organización de la Unidad Económica Campesina*. B. Aires. Nueva Visión, 1979. 342 p.

----- “Sobre a Teoria dos Sistemas Econômicas Não CAPITALISTAS”
In Silva, José G. da e Stolcke, Verena (organizadores) *A Questão Agrária*. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1981 pp. 133-163.

CHONCHOL, Jacques. *Paysans A Venir – Les Sociétés Rurales du Tiers Monde*. Paris. La Découverte, 1986. 229 p.

CORRADELLO, Elaine de F.A. *Bicho-da-seda e Amoreira – Da Folha ao Fio a Trama de um Segredo Milenar*. São Paulo. Incone Ed. 1987. 100p.

COSTA, Yara. M. Marinho da “A sericicultura em São Paulo” *Boletim Geográfico*. 32(232): 26-28. Rio de Janeiro, Jan/Fev, 1973.

DINIZ, Diana M. De F. Leal. *Rio Claro e o Café-Desenvolvimento Apogeu e Crise (1850-1900)*. F.F.C.L. de Rio Claro, 1973. 223p. (Tese de Doutorado)

DINIZ, José Alexandre F. *Geografia da Agricultura*. São Paulo. Difel 1984. 278p.

MARX, Karl “A Parceira e a pequena Propriedade Camponesa” In: *O Capital*. Livro 3. v 6. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1985 pp919-931.

----- “A Chamada Acumulação Primitiva” In: *O Capital*. Livro 1. v 2. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 1988. pp 828-894.

----- *Formações Econômicas Pré-Capitalistas* 3ª. Ed. Rio de Janeiro PAZ E Terra. 1981. 136p.

MILITA, Antonio de. “A Sericicultura nos Centros Rurais e Núcleos Coloniais” *Boletim de Agricultura*. n.o único São Paulo, Secretaria da Agricultura, 1915.

OLIVEIRA, Marlene Ap. De e CAMARGO, Elizabeth, de A. *Sericicultura e a Indústria da Seda na Região de Charqueada (SP)*. UNESP - Rio Claro, 1985. 144p. (Trabalho de Graduação).

SHANIN, Theodor. *Peasant and Peasant Societies*. Australia. PENGUIN Books. 1971. 448p.

TEPICHT, Jerzy. *Marxisme et Agricultura: Le Paysan Polonais*. País, Librairie Armand Colin. 1973. 251p.

VILHEMA, Mário. “Sericicultura Através de Brasil” *O Campo* 4(3): 70-74. Rio de Janeiro.

WANDERLEY, Maria Nazaret, B. “O Campense: um Trabalhador para o Capital”. *Cadernos de Difusão de Tecnologia* 2(1): 13-78. Brasília, Jan./Fev.-1985.

----- “Trajetória Social e Prometo de Autonomia: os Produtores Familiares de Algodão da Região de Campinas, São Paulo”. *Cadernos IFCH UNICAMP* N°19, Junho/1988. Campinas 162p.

NOTAS

1. - Trabalho apresentado ao curso de Pós-Graduação em Geografia, área de Concentração em Organização do Espaço –UNESP- Rio Claro, para obtenção do título de Mestre, realizado com Bolsa de Mestrado concedida pela FAPAESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

2.- Aluna do Curso de Pós-Graduação em Geografia –UNESP- Rio Claro.
Endereço: Marlene Aparecida de Oliveira
Avenida 48 N°87
CEP: 13 500 –Rio Claro- SP- Brasil.

3.- Professora do Departamento de Planejamento Regional –IGCE- UNESP – Rio Claro.
Rua 10N°2 527
CEP: 13 500
Rio Claro –SP- Brasil
Caixa Postal 178.

Abstract: The Persistente of Pesant Holdings
The Silk Production in Charqueada

The aim of this paper is analyse the rural spatial organization concerning the persistence of peasant holdings. The paper also evaluates the role of the family as a production consummation unit in the silk trade. The authors emphasize the autonomy and subordination of the familiar producer linked to the Textile Agroindustrial Complex as a producer of raw material (silk cocoon) whose process of production and commercialization is described.